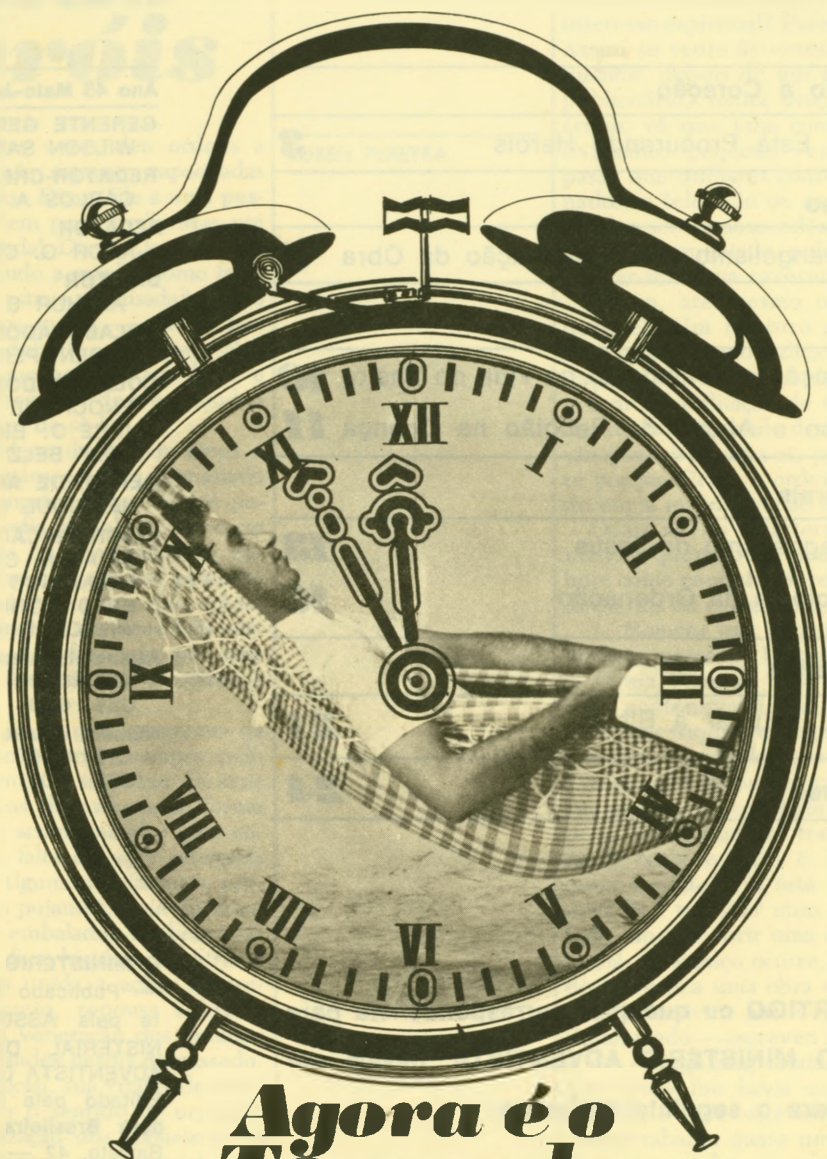




O MINISTÉRIO
ADVENTISTA



***Agora é o
Tempo de
Proclamar a Última
Advertência, p.6***

De Coração a Coração

Deus Está Procurando Heróis **3**

Evangelismo

O Evangelismo e a Terminação da Obra **5**

O Pastor

Exaltação e Abatimento na Vida do Pastor **10**

O Uso e Abuso da Religião na Doença **11**

Artigos Gerais

O Magnetismo de Jesus **13**

A Teologia da Ordenação **16**

Bíblias Abertas

Como Estudar a Bíblia **21**

Notas Breves

24

TODO ARTIGO ou qualquer correspondência para a revista **O MINISTÉRIO ADVENTISTA**, devem ser enviados para o seguinte endereço:

O MINISTÉRIO ADVENTISTA

Caixa Postal, 07-1042

70000 - BRASÍLIA — DF.

Ano 43 Maio-Jun. 1977 N.º 3

GERENTE GERAL

WILSON SARLI

REDATOR-CHEFE

CARLOS A. TREZZA

REDATOR

NAOR G. CONRADO

DIRETOR

ARTHUR S. VALLE

COLABORADOR ESPECIAL

RUBÉN PEREYRA

COLABORADORES

ENOCH DE OLIVEIRA,

JOSÉ C. BESSA,

ROLF BELZ

DEPTO. DE ARTE

HENRIQUE C. KAERCHER

DIAGRAMAÇÃO

URIAS P. CHAGAS

FRANCISCO MARQUES

ERLO KÖHLER

WILSON F. ALMEIDA

Assinatura Anual

Cr\$ 48,00

US\$ 6,00

Número Avulso

Cr\$ 8,00

US\$ 1,00

O MINISTÉRIO ADVENTISTA

— Publicado bimestralmente pela ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO 7.º DIA — Editado pela Casa Publicadora Brasileira, Av. Perelra Barreto, 42 — 09000 - Santo André, São Paulo.

Esta revista acha-se registrada na DCDP do DPF sob n.º 899 — P. 209/73

Deus Está Procu- rando Heróis

Cristo muitas vezes deu ordens a pessoas que não estavam capacitadas para cumpri-las. Disse Ele a uma pessoa morta: "Vem para fora". Mas um defunto não anda! Disse Ele a um paralítico: "Estende a mão". Como fazê-lo, porém, se estava paralisada? O fato é que a pessoa morta — que já não era mais um defunto — andou. E o paralítico — que por seu ato de fé e coragem obedeceu à ordem e estendeu a mão — deixou de sê-lo.

Algumas ordens dadas por Deus a um ministro parecem ser demasiado difíceis de cumprir. "Aqui não se pode", é a filosofia de alguns que se sentem mortos ou paralisados ao enfrentá-las. "Encontrarei um caminho ou o farei", dizem outros que crêem que Deus "concederá a Seus fiéis servos a medida de eficiência que suas necessidades demandem" (*Profetas e Reis*, p. 165).

As épocas de grande progresso da igreja se caracterizaram sempre pelo espírito de arrojo e sacrifício de seus fiéis. As épocas de estagnação foram precedidas ou acompanhadas pela comodidade e a falta de ação intrépida e abnegada. Alguns movimentos religiosos, outrora pujantes, hoje dormem serenamente, embalados no berço de seu passado. Sua história foi forjada com convicção unida à ação. O presente, no entanto, repousa sobre a lembrança e a veneração dos grandes feitos e dos grandes heróis do passado. Em forma especial, sua vitalidade morreu, ao morrer o sentido de urgência e de evangelização dos pioneiros. A igreja se encerrou no escritório, na sala de aula, no consultório médico. Olvidou-se da rua, das multidões. Desapareceram os heróis.

O povo remanescente não pode encerrar-se nem encerrar sua mensagem.

RUBÉN PEREYRA

Rubén Pereyra, Secretário da Associação Ministerial da DSA

Seu objetivo é iluminar o mundo com a luz de Cristo. Sua característica primordial é a PENETRAÇÃO. Tal é o caso do fermento que deve mesclar-se totalmente com a massa para produzir seus efeitos; ou da chave que deve entrar na fechadura para ser útil; ou do sal que impregna todo o alimento; ou do pão que entra no corpo e nutre cada célula; ou da luz que penetra as trevas; ou do fogo que tudo penetra e transforma (Elton Trueblood, em *The Company of the Committed*, p. 68).

Como, porém, penetrar hoje numa sociedade secularizada, desprovida de interesse espiritual? Parece impossível. Assim se sente às vezes o evangelista quando, depois de um grande esforço publicitário, muita oração e trabalho árduo, vê que uma congregação relativamente pequena vem ouvi-lo, ao passo que milhares contemplam, fascinados, a televisão ou assistem a espetáculos sem transcendência. Às vezes ele é atormentado pela tentação de ocultar-se numa caverna, como Elias.

Porém, até mesmo o impossível é possível. Um ministro andou sobre a água quando tudo indicava que isso era impossível. Fê-lo, porém, por ordem e com a habilitação de Cristo a quem devia olhar. Quando deixou de fitá-Lo, viu que sua façanha era possível somente porque Cristo a ordenava. Confiando em si mesmo ele se afundava.

Quais são as características dos homens a quem Deus pode e quer usar hoje como conquistadores na qualidade de heróis da evangelização?

1. *Homens que não pensem em sua posição pessoal.* Leighton Ford, em *A Igreja Viva*, p. 158, fala da "psicologia contemporânea do êxito" que às vezes pressiona o evangelista, levando-o a obter resultados numéricos. Quem está demasiado preocupado em manter sua imagem ou conseguiu-la, dificilmente se aventurará em trabalhos de pioneiro onde o risco é maior do que onde a colheita já está assegurada. É mais fácil transitar num caminho asfaltado, do que abrir uma senda na montanha. O avanço ocorre, porém, quando se realiza uma obra de penetração.

"Vós estáveis abatido e vos sentíeis desanimado — escreveu Ellen G. White a um evangelista, relatando uma visão que Deus lhe havia enviado. — Eu vos disse que estáveis considerando vosso trabalho quase um fracasso, mas que se uma alma se mantiver firme na verdade e perseverar até ao fim, vossa obra não pode ser declarada um fracasso. Se uma mãe foi desviada de sua deslealdade para a obediência, podeis regozijar-vos. ...

“Em comparação com o número dos que rejeitam a verdade, o dos que a aceitam será bem menor, porém *uma alma é de mais valor do que mundos*. Não nos devemos desanimar, embora nossa obra não pareça dar muito resultado”. — *Evangelismo*, pp. 328 e 329.

“Se fracassardes noventa e nove vezes em cada cem, mas fordes bem su-



cedidos em salvar da ruína uma única alma, realizastes um nobre feito pela causa do Mestre”. — *Serviço Cristão*, p. 101.

Por certo há também verdadeiros fracassos. Ocorrem fracassos quando toda a glória recai sobre o instrumento humano, o qual pode chegar a ser idolatrado, quando a atração é a “pregação fantasiosa” e não Cristo ou a mensagem, quando se manipula a mente dos ouvintes com os sentimentos do pregador, quando está presente o “orgulho da sabedoria e da ambição mundanas de ser o primeiro” (*Evangelismo*, p. 332).

Quando o que impele o ministro ou o leigo é cumprir a ordem salvadora de Cristo, quando seu interesse é salvar almas e quando faz tudo o que está ao seu alcance, não haverá fracassos embora as aparências assim o indiquem. Deus e Sua obra estão procurando este tipo de heróis.

2. *Homens de vigor e convicção*. Referindo-se à entrada em regiões não evangelizadas, Ellen G. White fala de homens que “possuem verdadeiro zelo missionário”, que façam “o máximo que lhes seja possível” (*Serviço Cristão*, p. 79); “homens humildes, que vejam a necessidade da obra evangelística e que não recuem” (*Evangelismo*, p. 24). Fala também de “atividade enérgica e decidida”, visto que a evangelização consiste em erguer “o estandarte da verdade nos lugares entenebrecidos da Terra” e “destruir o reino do demônio” (*Evangelismo*, p. 18).

“Vivemos em tempo perigoso, e necessitamos daquela graça que nos tornará valorosos na luta, pondo em fuga os exércitos inimigos. Caro irmão, necessitais de mais fé, mais ousadia e decisão em vosso labor. Necessitais de mais impulso e menos timidez... Nosso combate tem de tomar a ofensiva. Vossos esforços são demasiado brandos; precisais mais força em vossos trabalhos, do contrário ficareis decepcionado com os resultados. Ocasionalmente há em que deveis fazer um ataque ao inimigo”. — *Evangelismo*, p. 297.

Para realizar essa tarefa não são necessários super-homens, mas simplesmente homens convertidos e convencidos, que possuam energia e fé inflexível, ardente, que avance sem apresentar objeções. (*Evangelismo*, p. 19).

Deus está procurando esse tipo de heróis hoje em dia. O labor de penetrar é árduo e está cheio de perigos. Mas é A TAREFA. Serei eu essa pessoa a quem Deus procura? Serás tu?

O Evangelismo e a Terminação da Obra

Um Documento que Merece Cuidadoso Estudo

Sem dúvida o documento que publicamos em forma abreviada neste número de *O Ministério Adventista*, já lhe chegou às mãos nos meses precedentes. Tem sido estudado em reuniões de comissões em assembleias ministeriais e em igrejas. Não obstante, porque contém verdades tão importantes, deixamos de lado outros artigos que poderíamos publicar para dar a este maior publicidade. Tudo o que fizemos no sentido que o documento nos assinala ainda será pouco se considerarmos a solenidade da hora e a possibilidade de que a igreja tome um rumo errado, que atrase o cumprimento de sua missão.

O documento sofreu muitas modificações e emendas. Acompanhamos sua elaboração bem de perto. Sua introdução era originalmente quase uma endecha, uma lamentação, um reconhecimento de fracasso ou pelo menos de frustração. Uma frase dizia que "a igreja está lutando por sobreviver". Felizmente foi depois eliminada. Referia-se a determinadas áreas geográficas onde as condições espirituais e materiais do povo estorvam a marcha da evangelização.

Creemos, no entanto, que essas condições adversas não são totalmente originadas fora da igreja, mas podem ser a colheita de uma sementeira feita internamente. Ao analisar a situação atual, e as tendências que prevaleceram na igreja nessas regiões alguns anos ou décadas atrás, e a situação e as tendências que atualmente assomam à igreja na América do Sul, vemos semelhanças muito evidentes, o que equivale a dizer que poderá chegar o momento em que nosso canto de alegria e progresso atuais também se transformem numa canção triste. Agora é o tempo de planejar o futuro, corrigindo o rumo

naquilo em que podemos estar mal-orientados, dando prioridade ao que é prioritário. Desejamos que o estudo deste documento seja feito com oração e com um coração aberto à voz do Senhor. Somente assim a igreja manterá sua vitalidade atual e também a fortalecerá. RUBÉN PEREYRA

O EVANGELISMO E A TERMINAÇÃO DA OBRA

(76-656) VOTADO adotar o seguinte documento intitulado: "O Evangelismo e a Terminação da Obra", adaptado do voto 76-266, da Associação Geral:

Enquanto reconhecemos a certeza da vitória final da Igreja do Senhor, cremos também firmemente que as vitórias preliminares podem e devem ser nossas agora, se obedecermos fielmente à vontade revelada do Senhor. Poderia suceder que, como o Israel da antiguidade, gastássemos desnecessariamente energia e tempo preciosos no deserto, quando poderíamos estar desfrutando as bênçãos da terra de Canaã. É possível que estejamos seguindo um curso de ação hoje que esteja atrasando nossa entrada na Terra Prometida.

Satanás atacará a igreja de dentro e de fora, com o objetivo de fazê-la perder de vista seu verdadeiro rumo. Consegui-lo-á se nos puder manter ocupados com coisas secundárias que, embora importantes, não representam a verdadeira missão da igreja.

O próprio crescimento da igreja e a influência do mundo que nos rodeia podem desviar-nos de nossa obra prioritária, fazendo-nos criar e lançar programas ou atividades que em vez de serem uma ajuda na evangelização do mundo, sejam um obstáculo que a detenha. Abandonar o evangelismo direto e empreendedor, substituindo-o por programas indiretos e infrutíferos, foi o que deteve grandes movimentos religiosos no passado e é a causa do estancamento e retrocesso atual de movimentos outrora fortes. Isso também poderia deter o povo remanescente.

Plano de Ação

Corresponde-nos agora determinar as medidas que devemos tomar para dar à evangelização, em todos os níveis e em todas as frentes, absoluta prioridade. Para consegui-lo, deveríamos abandonar certas áreas de ênfase que agora consomem nosso tempo e atenção, e retornar à autêntica missão da igreja — a evangelização dinâmica. Não fazê-lo poderia transformar-nos em vítimas

da miscelânea da igreja, existindo mas não atuando. Alguém o expressou da seguinte maneira: "Podemos estar tão ocupados fazendo o que é urgente, que não tenhamos tempo para fazer o que é importante".

Temos sido testemunhas, nos últimos anos, de uma acentuada ênfase, pela Associação Geral, a reavivamento, reforma e evangelização. Os concílios anuais têm estudado profunda e sinceramente estes temas. Vemos um despertar na evangelização. Contudo, reconhecemos que o Senhor nos chama — não a continuar a obra, mas a terminá-la.

Estamos convencidos de que, com nosso potencial humano e financeiro totalmente dirigido pelo Espírito Santo, sob as bênçãos de Deus, é possível dar à obra um impulso que apresse o retorno de Cristo.

Em algumas áreas, movimentar a igreja e sua maquinaria no sentido de dar à evangelização, ao reavivamento e à reforma que o acompanha, inquestionável prioridade, é tarefa difícil e cheia de dificuldades. Há outras tarefas mais atraentes. O tempo exige, entretanto, uma decidida convicção administrativa e também decidida ação, indispensáveis no estabelecimento das prioridades que a terminação da obra requer.

Que significa *terminar a obra*? SIGNIFICA REALIZAR UM TRABALHO INTERNO E OUTRO EXTERNO: UM POVO SALVO PELA GRAÇA, TRABALHANDO PARA SALVAR A OUTROS. SIGNIFICA COMUNICAR A MENSAGEM DE DEUS ATRAVÉS DO PODER E DO MINISTÉRIO DO ESPÍRITO SANTO, A TODOS OS HABITANTES DA TERRA. QUANDO ISSO TIVER SIDO REALIZADO, DEUS PROCLAMARÁ A FINALIZAÇÃO DE SUA OBRA E O CONSEQUENTE REGRESSO DE JESUS. "E ESTE EVANGELHO DO REINO SERÁ PREGADO EM TODO O MUNDO, EM TESTEMUNHO A TODAS AS GENTES, E ENTÃO VIRÁ O FIM" (S. Mateus 24:14).

À luz do exposto, aceitamos o seguinte plano de ação:

1. Que se faça todo esforço possível com o fim de obter clara e inequívoca compreensão da natureza crucial e da primazia do evangelismo.

É erro crer que o evangelismo é optativo, que é uma das muitas tarefas que a igreja tem em mãos. Isso é um fatal engano. O sangue e a vida da igreja é a evangelização; sem ela a igreja não pode existir. A igreja foi orga-

Satanás atacará a igreja de dentro e de fora, com o objetivo de fazê-la perder de vista seu verdadeiro rumo.

nizada para evangelizar, e sua singular missão é "levar o evangelho ao mundo" (Atos dos Apóstolos, p. 9). A igreja que desconhece, define erroneamente e se pulta ou estrangula a vasta e maravilhosa força chamada *evangelismo*, põe a faca sobre sua veia jugular, porque falha naquilo que é o único objetivo de sua existência. Se permitirmos que o conceito da preeminência da evangelização envolva cada ato realizado pela igreja, manteremos as prioridades no lugar certo. Qualquer atividade que substitua o evangelismo dentro da igreja é seguramente uma ferramenta de Satanás, e é ilegítima. A saúde e a vitalidade da igreja têm relação direta com a saúde e a vitalidade de seus esforços e de seu êxito evangelístico.

"Nossa preocupação máxima não deve tanto ser a arrecadação de dinheiro como a salvação de almas". — *Test. Seletos*, vol. 3, p. 324.

A primazia do evangelismo torna imperativo que o definamos claramente e que mantenhamos essa definição continuamente diante do corpo da igreja.

EVANGELISMO É A COMUNICAÇÃO DOS ELEMENTOS ESSENCIAIS DO EVANGELHO DE CRISTO JESUS NO CONTEXTO DAS TRÊS MENSAGENS ANGÉLICAS, DE TAL MANEIRA QUE SE OBTENHA UMA RESPOSTA NOS CORAÇÕES DOS OUVINTES, ACEITANDO A PROVISÃO DIVINA DE SALVAÇÃO DO PECADO E A CAPACITAÇÃO PARA OBTER A VITÓRIA SOBRE O PECADO.

Há muitos programas e projetos excelentes que, com vantagem, podem ser usados no contexto pré-evangelístico, como os que se relacionam com o regime alimentar, o fumo, a assistência social, etc. Contudo, apesar de quão úteis possam ser, se não conduzirem à experiência do novo nascimento em Cristo e à aceitação da mensagem de Deus da maneira apresentada pela Igreja Remanescente, serão um consumo de tempo, talentos e dinheiro da igreja e suas forças, sem alcançar o objetivo final de salvar o homem para a eternidade.

Portanto, as administrações deveriam demonstrar, por preceito e exemplo, que os programas da igreja serão apoiados com recursos e atenção, apenas na medida em que apoiem o cumprimento da missão básica da igreja. Devemos demonstrar nossa dedicação a nosso objetivo evangelístico, dando-lhe a mais alta prioridade no uso de nosso tempo pessoal e em conjunto, de talentos e meios.

"Agora é o tempo de proclamar a última advertência. . . Esforços decisivos têm de ser envidados, a fim de apresentar esta mensagem ao povo de modo preeminente. O terceiro anjo deverá avançar com grande poder". — *Test. Seletos*, vol. 2, p. 371.

2. *Que o papel do Pastor seja definido.* Ellen G. White, ao comentar um incidente da vida de Jesus em que um homem Lhe pede que corrija uma injustiça em relação a uma herança, diz o seguinte:

"Jesus não Se desviou de Sua missão. Sua resposta foi: 'Homem, quem Me constituiu juiz ou partidador entre vós?' S. Luc. 12:14. Cristo fez com que o homem entendesse, de forma clara, que não era aquela Sua obra. Ele estava lutando para salvar almas. Não estava disposto, portanto, a Se desviar para assumir deveres correspondentes a um magistrado civil. Quão freqüentemente são impostas à igreja tarefas cuja entrada jamais deveria ser permitida!" — *Testimonies*, vol. 9, p. 217.

a. Os regulamentos da igreja deveriam deixar bem claro que o primeiro trabalho de um pastor-evangelista, e do qual lhe pedirão contas, é a apresen-



tação do evangelho de Jesus Cristo dentro das três mensagens angélicas. Este trabalho será cumprido através da pregação bíblica, de ensinamentos e de testemunho dinâmico mediante evangelho¹ mo público e pessoal, em harmonia com os dons recebidos de Deus.

b. Os pastores de congregações deverão aceitar a responsabilidade de instruir e organizar todas as forças leigas

da igreja para sua participação na ação evangélica.

"A igreja de Cristo está organizada para o serviço. Sua senha é servir. . . Ministros, médicos e professores cristãos têm uma obra mais vasta do que muitos têm reconhecido. Não lhes cumpre somente servir ao povo, mas ensinar-lhes a servir. . . Necessita ser quebrada a monotonia de nosso serviço para Deus. Todo membro de igreja deve empenhar-se em algum ramo de serviço para o Mestre. . . Toda igreja deve ser uma escola missionária para obreiros cristãos". — *A Ciência do Bom Viver*, pp. 148 e 149.

"A obra de Deus tem sido atrasada por causa da criminoso incredulidade em Seu poder para usar o povo comum para levar avante Sua obra com pleno êxito". — *Review and Herald*, 16 de julho de 1895.

c. Os pastores, com a ajuda dos dirigentes da Associação, deverão escolher e treinar leigos capazes e fortes para cumprir os diversos programas da igreja, incluindo as responsabilidades financeiras, construções, conservação, orçamentos, bem como a administração e planificação da escola da igreja e outros programas promovidos pela Associação. Com isso o pastor terá mais tempo para dedicar-se às tarefas espirituais para as quais está qualificado, isto é, ser um líder na conquista de almas e pastor do rebanho.

"É grande erro manter um ministro, que tem o dom de pregar com poder o evangelho, constantemente ocupado com assuntos comerciais. O que proclama a Palavra da Vida não deve permitir que demasiados encargos sejam colocados sobre ele. . .

"As finanças da causa devem ser devidamente cuidadas por homens que tenham habilidade para o comércio: os pregadores e evangelistas, porém, são separados para outro ramo de trabalho. A direção das questões comerciais deve ficar com outros que não os separados para a obra de pregar o evangelho". — *Evangelismo*, p. 91.

d. As relações do pastor com os departamentos da Associação deverão ser tais que ele possa esperar, como líder da igreja, o apoio ativo e prático dos diretores desses departamentos. Em lugar de afogar o pastor do rebanho com material de promoção, o diretor do departamento deverá fazer o possível para ajudá-lo a tornar mais produtivo seu ministério, reduzindo esse material a um mínimo eficaz. Enquanto o pastor se ocupa em impulsionar os programas dos departamentais, os dire-

tores deverão compreender que ele, como líder da conquista de almas em sua igreja, num clima de total prioridade à evangelização, pode decidir que programas e materiais, além dos projetos recomendados pelo Campo, capacita-lo-ão a alcançar maior êxito em seus esforços pessoais e nos de sua igreja.

Esta liberdade de escolha, dada ao pastor e a sua igreja, servirá como depósito de recursos. Este conceito capacitará a direção da igreja local a selecionar e montar os programas e materiais que melhor ajudem a cumprir sua missão evangelística. A função do dirigente de departamento deverá ser a de preparar os melhores materiais e os mais eficientes programas de treinamento para o consumo do Campo, apontando a melhor experiência e talentos para assessorar o pastor e os leigos, a fim de que obtenham êxito na grande tarefa de preparar a Terra para a colheita final.

A medida que a primazia do evangelismo e a definição do papel do pastor forem bem compreendidos, cremos que deveria manifestar-se especial interesse e urgência da parte dos pastores em pedir os serviços dos departamentais para assessorá-los na execução dos programas escolhidos, a fim de alcançar os alvos: a conquista de almas e a edificação da vida espiritual de cada membro.

3. *Que seja esclarecido o papel do pastor ordenado e do ministro licenciado, que não estejam na linha pastoral.*

a. Espera-se que o grande corpo de ministros da Divisão, das uniões, dos campos locais, das instituições, e os que estão ocupados em outros tipos de trabalho, dêem prioridade de seu tempo, talentos, energias e planificação às tarefas evangélicas, de acordo com os dons recebidos de Deus, através da pregação, do testemunho pessoal e do ensino. Como um meio de tornar essa prioridade possível, deve ser dada maior atenção às vozes de leigos experientes na estrutura da organização, de maneira que aqueles que são chamados e ordenados ao ministério possam dedicar-se, eles mesmos, a essas tarefas.

“Quando seguimos planos delineados pelo Senhor, somos ‘coobreiros de Deus’. Seja qual for nossa posição — presidente de Associação, ministro, professor, aluno ou membro leigo — somos reputados responsáveis pelo Senhor quanto a aproveitar ao máximo nossas oportunidades para iluminar os que estão em necessidade da verdade

“*Nossa preocupação máxima não deve tanto ser a arrecadação de dinheiro como a salvação de Almas*”. — Test. Seletos, vol. 3, p. 324.

presente”. — *Conselhos aos Professores*, p. 480.

b. Em todos os níveis: Divisão, uniões, campos locais e instituições, os líderes espirituais deveriam dirigir a todos quantos estejam sob sua direção e que sejam obreiros de tempo integral, na participação de trabalhos de conquista de almas, em cumprimento do conselho inspirado que diz que TODOS os cristãos devem ser instrumentos na conquista de almas para Cristo e na condução delas à maturidade espiritual. (Quando todo o grupo de empregados em tempo integral da igreja participar ativamente nos esforços de redenção dos perdidos, podemos esperar obter êxito em mobilizar o resto da igreja.)

c. O presidente da Associação, fervorosamente e com muita oração, com a comissão administrativa, com a comissão de evangelização, através de entrevistas pessoais com cada obreiro e por meio de reuniões de obreiros, deverá tornar claro que cada atividade e plano da Associação está voltado para a evangelização de seu território e a terminação da obra. É ele que deverá imprimir o rumo que toda a igreja deve tomar: alcançar com a mensagem a cada pessoa no território de seu Campo.

4. *Definir o papel das instituições na evangelização.* Recomenda-se que cada instituição da igreja, sem distinção de atividade, nomeie uma Comissão de Evangelização, para dar ao evangelismo o lugar prioritário em suas atividades. Tal comissão velaria pelo evangelismo interno e externo da instituição, a fim de dar o Evangelho do Reino a toda criatura. A seguinte declaração inspirada para nossos hospitais é aplicável a toda instituição da igreja:

“A conversão de almas é um grande objetivo a ser buscado em nossas instituições médicas. Para isto é que são elas estabelecidas”. — *Evangelismo*, p. 537.

5. *Que se consigam fundos para a realização deste grande empreendimento evangelístico.*

a. Em vista da prioridade do evangelismo, o Campo deveria inverter um mínimo de 10% anuais de seus dízimos retidos em tarefas de evangelização direta. As uniões também deveriam dar um mínimo de 10% de seus dízimos para serem acrescentados aos fundos evangelísticos recebidos da Associação Geral, através da Divisão, e partilhá-los com os campos para serem usados no evangelismo, conforme for decidido

pela Mesa Administrativa da União. A Divisão designará também para a evangelização uma quantidade equivalente a 10% de suas subvenções básicas.

Quando se fala de dízimo retido, refere-se ao saldo de dízimos que fica à disposição do Campo depois de deduzir toda porcentagem que seja passada às organizações superiores por regulamento, tal como o dízimo do dízimo, a porcentagem para a Associação Geral, a porcentagem de jubilação e outras, sem incluir a troca de dízimos.

As quantidades mencionadas devem ser consideradas o mínimo dos fundos de dízimos que cada organização deverá designar para evangelismo. Quando for necessário fazer maiores provisões financeiras que o indicado, dever-se-á fazer isto.

6. *Que sejam estabelecidos limites aos projetos de construção.*

Dever-se-ia realizar uma decidida campanha com o objetivo de sermos um pouco mais conservadores em nosso programa de construções, para que somente sejam construídos os edifícios absolutamente essenciais. Os prédios e móveis deveriam ser atrativos, funcionais, de boa qualidade e econômicos. Demonstramos a nosso povo e ao mundo que não cremos em construir extravagantemente, ao ponto de tentar fazer deste mundo o nosso lar. Deveríamos recordar que os únicos elementos que sobrevirão à destruição do último dia, são as almas que tenhamos preparado para a vinda do Senhor. Também devemos lembrar que nossas grandes instituições podem ser e estão sendo agora estatizadas em muitos lugares do mundo. O único propósito desta economia deveria ser dispor de mais fundos para que a igreja possa dar a última mensagem de admoestação a toda nação, tribo, língua e povo.

“Não é o edifício grande e dispendioso; não é o mobiliário de luxo; não são as mesas servidas de manjares requintados, o que comunicará à nossa obra influência e êxito. É a fé que atua por amor e purifica a alma; é a atmosfera de graça que circunda o crente, é o Espírito Santo atuando na mente e no coração, que o torna um cheiro de vida para vida, e faz com que Deus abençoe a Sua obra”. — *Test. Seletos*, vol. 3, p. 119.

“Não são numerosas instituições, grandes edifícios ou larga ostentação o que Deus requer, mas a ação harmoniosa de um povo peculiar, um povo escolhido por Deus, e precioso”. — *Idem*, vol. 2, p. 531.

“Que a mensagem do evangelho soe

Demonstremos a nosso povo e ao mundo que não cremos em construir extravagantemente, ao ponto de tentar fazer deste mundo o nosso lar.

através de nossas igrejas, convocando-as para a ação universal. . . . Os que se colocam sob o controle de Deus, para serem dirigidos e guiados por Ele, reconhecerão a constante corrente dos acontecimentos que Ele ordenou. Inspirados pelo Espírito dAquele que deu a vida pela vida do mundo, não se deixarão ficar por mais tempo impotentes, apontando para as coisas que não podem fazer. Colocando a armadura do Céu, sairão à peleja, desejando fazer e arriscar tudo por Deus, sabendo que Sua onipotência lhes suprirá as necessidades”. — *Testimonies*, vol. 7, p. 14.

7. *Que sejam alcançadas as áreas não penetradas e os grupos especiais.*

Cada campo local deverá estudar a possibilidade de nomear uma comissão composta de ministros e leigos, com a urgente responsabilidade de estudar a entrada em áreas obscuras (bairros, cidades, etc.) de seu território. Colportores, membros aposentados e jovens voluntários deveriam ser recrutados ativamente, formando equipes para começar a obra em áreas não evangelizadas. Um chamado deveria ser feito a todos os obreiros aposentados do ramo ministerial, convidando-os a se mudarem para áreas onde a igreja necessita ser fortalecida.

“Em vez de conservar os ministros trabalhando pelas igrejas que já conhecem a verdade, digam os membros das igrejas a esses obreiros: ‘Ide trabalhar pelas almas que perecem nas trevas. Nós mesmos levaremos avante os trabalhos da igreja. Nós realizaremos as reuniões, e, estando em Cristo, manteremos vida espiritual’”. — *Evangelismo*, pp. 381 e 382.

“Os irmãos que quiserem mudar de residência, que tiverem em vista a glória de Deus e que sentirem que pesa sobre seus ombros a responsabilidade individual de fazerem o bem aos outros, beneficiando e salvando almas pelas quais Cristo não poupou Sua preciosa vida, devem mudar-se para as cidades e vilas onde existe pouca ou nenhuma luz e onde possam ser de real préstimo e ser uma bênção para os outros, com seu trabalho e com a experiência que têm. Há necessidade de missionários que vão para as cidades e vilas, e lá ergam o estandarte da verdade, para que Deus tenha testemunhas espalhadas por toda a superfície da Terra, a fim de que a luz da verdade penetre os lugares ainda não atingidos, e o estandarte da verdade seja erguido onde não é conhecido”. — *Evangelismo*, pp. 51 e 52. ■

Exaltação e Abatimento na Vida do Pastor

"Gostei muito de seu sermão. Parabéns!" é uma frase que às vezes o pastor ouve.

Um ministro de Deus, quer ocupe esta ou aquela responsabilidade na Obra, vez ou outra, receberá algum elogio, por qualquer trabalho que tenha realizado, podendo ser levado a enfrentar, dessa maneira, a tentação da auto-suficiência, do orgulho, da exaltação própria.

Por outro lado, ocorre também que o pastor é atingido pelas setas da crítica, sendo tentado a prostrar-se pelo abatimento. Na vida do ministro de Deus, estes são dois extremos perigosos: o elogio, que pode levar a exaltação; e a crítica, que pode levar ao abatimento.

A atitude de Cristo diante da exaltação e da crítica, deve ser a nossa também, pois Ele é nosso maravilhoso exemplo. Sobre este assunto, diz-nos o Espírito de Profecia: "No coração de Cristo, onde reinava perfeita harmonia com Deus, havia paz perfeita. *Nunca Se exaltou por aplausos, nem ficou abatido por censuras ou decepções.* Entre as maiores oposições e o mais cruel tratamento, ainda Ele estava de bom ânimo. Mas muitos que professam ser Seus seguidores, têm o coração ansioso e turbado, porque temem confiar-se a Deus". — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 245. (Grifo acrescentado.)

É muito natural que nos alegremos com as vitórias que alcançamos; toda glória de nossas conquistas e realizações deve, porém, pertencer inteiramente a Cristo. A Bíblia diz com profunda justiça: "A Minha glória a outrem não darei". Isa. 42:8.

R. A. Torrey, destacado evangelista e amigo íntimo do grande servo de

DUILIO PAROTTI

Duílio Parotti, Pastor na Associação Paulista

Deus, D. L. Moody, nos conta a seguinte experiência:

"Bem me lembro de um obreiro com quem estive intimamente associado num grande movimento de evangelização. As reuniões eram bem concorridas e ele estava radiante com o bom êxito do trabalho. Andando pela rua juntos, em caminho para as reuniões, ele me declarou: 'Torrey, você e eu somos as duas mais importantes personagens ocupadas no trabalho cristão neste país'. Eu lhe respondi: 'João, fico triste em ouvir semelhante coisa, porque lendo a Bíblia encontro homens e homens que, depois de fazer grandes coisas, foram postos de lado por Deus, por causa da exagerada opinião que tinham de si mesmos'. Aquele obreiro também não foi mais usado por Deus. Creio que ainda vive, porém, há muito tempo que não se ouve falar dele".

Que Deus nos ajude a sempre sermos humildes, e a trabalharmos para a glória dAquele cuja senda, desde a manjedoura ao Calvário, foi de inteira humildade.

Pode, às vezes, surgir um homem prometededor, que usado um pouco por Deus, começa a se julgar grande coisa, a ponto de Deus o colocar de lado; alguns têm naufragado no mar da auto-suficiência.

Agora, falando da crítica, que comumente o pastor enfrenta, penso que devemos agir da seguinte maneira; aliás, tenho orado ao Senhor para que eu proceda assim também: Se a crítica for justa, e nós a merecermos, sejamos suficientemente humildes para reconhecer os nossos erros e voltar atrás, fazendo da crítica um instrumento de correção. Se, por outro lado, a crítica for uma calúnia, e nós não a merecermos, não apregoemos nossa inocência aos quatro cantos da Terra, nem fechemos os punhos em defesa própria. Entreguemos a nossa defesa nas mãos de Cristo. Ele a seu tempo fará justiça.

O coração do servo de Deus não deve abrigar nenhum ressentimento, ódio, ou mesmo espírito de vingança. Descansemos e confiemos nestas promessas: "Mas, se diligentemente ouvires a Sua voz, e fizeres tudo o que Eu disser, então serei inimigo dos teus inimigos, e adversário dos teus adversários". Exo. 23:22. "Toda ferramenta preparada contra ti, não prosperará; e toda língua que se levantar contra ti em juízo, tu a condenarás; esta é a herança dos servos do Senhor, e a sua justiça que vem de Mim, diz o Senhor". Isa. 54:17. ■

O Uso e Abuso da Religião na Doença

O uso e o abuso da religião na doença deveriam ser a preocupação de todos os que labutam em profissões relacionadas com a arte de curar. Numa aula que eu estava tendo na Universidade do Sul da Califórnia, encontrei-me com uma senhora de meia-idade, procedente de Singapura, que estava de licença. Depois da aula, falamos de nossos interesses e de nosso trabalho. Quando descobriu que eu era um adventista do sétimo dia ligado a uma instituição médica, ela sorriu e disse:

— Certa vez estive internada no Hospital Santa Helena. Uma senhora muito afável, do serviço de capelães, veio ver-me. Ela estudava a Bíblia comigo, e eu apreciava isso. Um dia eu lhe disse que tinha prazer em estudar com ela, mas queria ser sincera e, como tal, fiz-lhe saber que não tinha interesse em tornar-me adventista.

E acrescentou:

— Quase me arrependi de dizer isso, pois ela nunca mais voltou.

Parece-me que isso é fazer mau uso da religião.

Um ministro bateu à porta do meu gabinete, informando-me que conhecia um paciente muito enfermo, no andar de cima, o qual não estava salvo, e as enfermeiras não queriam deixá-lo entrar para orar com esse homem. Desejava que eu exigisse que lhe dessem entrada. Senti que isso era abusar da religião.

Procurei ser compreensivo. Perguntei se achava necessário estar com o paciente a fim de orar por ele, e se, talvez, não era melhor para o paciente que nem o capelão nem o pastor entrassem no quarto. (Fiquei sabendo que

CARLOS W. TEEL

nesse caso foi melhor. A família solicitara que o seu ministro não fosse admitido.) Oramos juntos em meu gabinete. Estava convicto de que isso era uso, e não abuso.

As pessoas religiosas têm condescendido em grande medida com um pensamento desconexo no tocante ao uso da religião, não somente na doença, mas em todo aspecto da vida particular e pública, supondo que se uma atividade é religiosa, deve ser boa, não havendo mais necessidade de fazer perguntas. Dificilmente terá havido na História uma nação que exteriormente tenha tanto respeito pela religião como os Estados Unidos da América, mas é provável que dificilmente também tenha havido um povo para o qual ela significasse tão pouco interiormente.

A religião em si mesma não é boa nem má. Como o conhecimento, o poder, a arte, o domínio ou qualquer outra capacidade do homem, seu valor é determinado pelo uso que lhe é dado.

Portanto, a pergunta que fazemos é a seguinte: A religião melhora ou prejudica a vida do paciente — isto é, fortalece ou debilita?

Permiti-me citar um exemplo. Jesus disse: "O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado". Ora, o sábado não é bom nem mau, mas é o que fazemos com ele que traz a bênção. Havia uma grande diferença entre a prática dos fariseus, que tornavam a observância do sábado uma camisa-de-força, e a prática de Jesus, o qual acreditava que deviam ser curados os doentes e alimentados os famintos sem levar em conta o dia da semana. Cristo não nos deixa em dúvida quanto ao que era uso e quanto ao que era abuso nesse caso.

Gostaria que considerásseis comigo os usos da religião de maneira funcional e pragmática, perguntando como agem na situação particular de pessoas doentes. A fim de que estejamos certos de que todos temos a mesma situação em mente, consideremos primeiro o que acontece com uma pessoa que está doente, e, mais especificamente, quando se encontra num hospital.

Uma pessoa vai ao hospital porque em certo sentido seu bem-estar se acha ameaçado ou prejudicado. Até o *check-up* rotineiro ou casual pressupõe a possibilidade de que "venha a descobrir algo". Não importa quão rotineira ou casual se torne a sua hospitalização, de um modo ou de outro a pessoa está atemorizada ou receosa. E, segundo o expressou certo escritor,

Carlos W. Teel,
Capelão-Supervisor
do Hospital
da Universidade
de Loma Linda,
Califórnia

como toda criatura que está com medo, ou ela foge ou luta. Esse esforço e tensão com freqüência reduz sua habilidade para enfrentar seus receios em sua maneira habitual. Amíúde, ela reverte portanto à meninice. Em certo sentido, é reduzida à infância. (Qual a esposa que não disse do marido: "Ele porta-se como uma criançinha quando está doente"?) Às vezes é amparada, e às vezes é rejeitada.

Que acontece com a vida religiosa do paciente nessas condições? Seus sentimentos religiosos e sua conduta são reduzidos a níveis mais infantis. Se ele conseguia regatear com seus pais, procurará com freqüência regatear com Deus.

— Ó Senhor, se tão-somente me ajudares a ficar bom, nunca mais negligenciarei minha igreja.

Ou talvez mencione a Deus quão boa pessoa tem sido. Isto é injusto. Poderá ser também que condene a si mesmo pelas falhas e erros que tem cometido, sabendo que agora está sendo castigado.

Se prevaleceu empregando acessos de ira ou de mau-humor contra seus pais, talvez tente fazer a mesma coisa com Deus, dizendo: "Ora seja, Senhor, tira-me desta situação!" Poderá ser que fique aterrorizado e peça as orações da igreja e chame o capelão a todo momento.

Na realidade, os casos não são tão bem definidos assim. Estou exagerando para chegar ao ponto que quero chegar. Em geral os pacientes têm seus altos e baixos. O fato é, porém, que freqüentemente se faz mau uso da religião.

Nós que cuidamos dos doentes sempre deveríamos perguntar: "Qual é a mensagem?"

Qual é o uso apropriado da religião? Há uma religião que cura e restaura. Às vezes oro com os pacientes, mas nem sempre. Às vezes leio ou cito um texto, mas nem sempre. *Sempre*, porém, é meu privilégio formar uma relação que lhes permita falar. Se eles disserem que estão amargurados, deixemos que falem sobre isso; se estiverem irados contra Deus, deixemos que falem sobre isso. A religião não *leva algo* para o paciente, mas *é algo*. Ela aceita. Pouco a pouco o paciente obtém confiança. Ele vê que o aceitamos com seus temores, sua ira, suas frustrações, e então talvez reconheça também que Deus o aceita. Podemos ou não ser levados a orar com ele. Se formos prudentes não insistiremos neste sentido.

Podemos sentir-nos muito confiantes de que o paciente, talvez depois que tivermos ido embora, descobrirá por si mesmo que sente vontade de orar novamente. Lembremo-nos de que o Espírito Santo não está morto.

O segundo uso correto da religião consiste em ajudar o paciente a descobrir qual é a mensagem transmitida por meu corpo. Isto é às vezes denominado: "A Voz da Doença". A enfermidade é com freqüência um comentário sobre toda a nossa vida, sobre nosso passado, sobre nosso futuro e sobre nosso estilo. Esta é certamente a filosofia adventista do sétimo dia. Nós que cuidamos dos doentes sempre deveríamos estar perguntando e ajudando o paciente a perguntar: "Qual é a mensagem?"

O terceiro uso correto da religião ocorre quando, depois de havermos feito tudo que nos era possível, manifestamos completa e implícita confiança como a de uma criançinha — "tal qual estou, e sem poder" — confiando em Deus, nos médicos, nos enfermeiros, nos capelães.

Resumindo, dizemos que a prova para sabermos se a religião está sendo usada ou abusada é a seguinte: Ela ajuda a pessoa a enfrentar e aceitar a realidade e a adaptar-se devidamente ao que está acontecendo, ou lhe permite ocultar, negar ou procurar manipular a realidade? A religião salutar produz honestidade emocional, leva o paciente a ouvir a voz da doença e o ajuda a restabelecer relações de confiança consigo mesmo, com os outros, com a vida e com Deus. ■

* Assunto apresentado na Reunião Consultiva da Associação Ministerial, outubro de 1976.



0 **Magne-** **tismo** **de** **Jesus**

Nosso texto se encontra em S. João 12:32 e 33: "E Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a Mim mesmo. Isto dizia, significando de que gênero de morte estava para morrer".

O menos que podemos dizer desta declaração é que é insólita. Jesus está afirmando aqui que Se iria converter numa espécie de ímã. Todo o mundo, em determinado momento, reunir-se-ia em torno dEle.

Repetimos que esta declaração é insólita, porque nos lábios desse simples e humilde Mestre galileu carece de sentido. Se a houvesse feito o César de turno, que dispunha de toda a riqueza do Império Romano e de todo o poder de suas legiões, poder-se-ia havê-lo tomado a sério. Tal não era, porém, o caso de Jesus.

O caráter insólito desta declaração se evidencia também pela razão que invoca para explicar como Se converteria no centro de atração do mundo: "Quando for levantado da terra". A vida de Jesus é bela e insuperável, mas não seria essa beleza a explicação de Sua atração. Os ensinamentos de Jesus são sublimes e inimitáveis, mas não seriam eles a razão de Seu poder atrativo. O apóstolo João explica o que Jesus quis dizer, acrescentando: "Isto dizia, significando de que gênero de morte estava para morrer". Noutras palavras, o segredo

GASTÓN CLOUZET

Gastón Clouzet,
Redator-Chefe
da Casa Editora
Sul-Americana

de Sua atração não seria nem Sua vida nem Seus ensinamentos, mas Sua morte. Esta é, certamente, uma declaração insólita!

A Morte não é Atrativa

Isto é assim, porque a morte nada tem de atrativo. Nós, os obreiros do Senhor, devemos cumprir numerosas tarefas, algumas sumamente agradáveis, outras não tanto, outras francamente desagradáveis. Temos, porém, que realizá-las, porque é a vontade do Senhor. Provavelmente a mais desagradável de todas consista em celebrar uma cerimônia fúnebre. Quão feia é a morte! Quão repulsiva! Quão impotente se sente o pastor que sabe que o único consolo dos parentes seria a restituição desse ser amado que agora jaz nos braços da morte! Quantas vezes preferiria fugir desse dever e dessa responsabilidade! Sim, a morte não tem nada de atrativo; pelo contrário, repele.

A Cruz Também não é Atrativa

Procuremos entender esta insólita declaração de Jesus comparando por uns instantes ao Calvário. Veremos ali três cruzes: um ladrão à esquerda, outro à direita e Jesus no centro. Sem dúvida, para o mundo o pior dos três delinquentes é Ele; por isso está no centro.

Jesus está "levantado da terra", mas numa cruz. Os romanos inventaram esse instrumento de suplício para eliminar do cenário da vida os que consideravam o refugio da sociedade, as pessoas indignas de continuarem vivendo. Portanto, a cruz também não podia ter naquele tempo nada de atrativo. Pelo contrário, era pelo menos tão repelente como a morte. Como Jesus podia dizer então que quando fosse crucificado atrairia todos a Si mesmo?

Vejamos o letreiro que está sobre Sua cabeça. Está escrito em três idiomas. Dois deles escapam a nossa compreensão: o hebraico e o grego. Conseguimos entender, porém, o que foi escrito em latim. Declara: "Jesus Nazareno, Rei dos Judeus". Fora posto ali por Seu juiz. É a razão de Sua sentença. Os homens acharam-no culpável de blasfêmia e sedição. Para os judeus era blasfêmia; para os romanos, sedicioso.

Os tribunais não são atrativos. As sentenças judiciais tampouco. Muito menos as sentenças de morte. Como, então, poderia ser atrativo esse letreiro?

O Magnetismo do Rosto de Jesus

Contemplemos agora o rosto de Jesus. Está machucado e ostenta os sinais da fadiga, mas permite vislumbrar uma bondade infinita. Seus olhos são de uma eloquência extraordinária. Sabemos que Jesus não morreu por Sua culpa. Não era blasfemo, porque é o legítimo Rei de Israel. Não era sedicioso, porque também era o legítimo Rei de Roma. Morreu pelos pecados dos homens. Morreu por teus pecados e pelos meus. Tua cruz e a minha foram Sua cruz. Os cravos que deveriam haver traspassado tuas mãos e as minhas, traspassaram as Suas mãos. Morreu tua morte e a minha. No entanto, Seus olhos não expressam condenação. Tudo o que se distingue em Suas pupilas é um amor imenso e um perdão infinito. E quando nosso olhar se cruza com o Seu, ali, enquanto está "levantado da terra", começamos a sentir que nosso coração se quebranta, se enternece e começa a aproximar-se de Jesus. Toda a nossa vida passa a experimentar o extraordinário poder atrativo de Jesus.

O magnetismo de Jesus não se radica, portanto, nem na riqueza nem na força. Tampouco o explicam a beleza de Sua vida e a sublimidade de Seus ensinamentos. O poder que transformou a morte em algo atrativo, o poder que converteu a cruz repelente em um ímã, é o amor de Deus manifestado em Cristo, o amor de Jesus manifestado a cada um de nós. No letrado vemos em três idiomas a justiça dos homens. No rosto e nos olhos de Jesus vemos em todos os idiomas do mundo a sublime declaração divina de que nos ama e quer nosso bem eterno.

Três Cidades Simbólicas

O poder atrativo de Jesus se manifestou maravilhosamente no primeiro século de nossa era. Três cidades: Roma, Atenas e Jerusalém simbolizavam, por assim dizer, toda a sociedade do Império Romano. Roma possuía a riqueza e o poder, a organização e a jurisprudência. Atenas possuía o pensamento e a arte em todas as suas manifestações. Jerusalém possuía a verdade religiosa e a mais alta norma de moral do Império.

Roma desprezava, porém, a Atenas e a Jerusalém, e, por sua vez, era odiada por Jerusalém e Atenas. Atenas odiava a Roma e desprezava a Jerusalém. Jerusalém odiava a ambas e as



desprezava pelo fato de serem povoadas e administradas por incircuncisos. A sociedade romana não poderia estar mais dividida.

Quando, porém, os discípulos começaram a "levantar" a Jesus por todos os âmbitos do Império Romano, grande número de romanos, gregos e judeus começaram a afluir aos lugares de culto dos cristãos. E se olvidaram de que eram romanos, gregos e judeus, para converter-se em irmãos cristãos. Como se amavam! Havia sido atraídos a Jesus pelo poder de Seu amor, e se haviam unido uns aos outros por esse mesmo poder.

Um Mundo Dividido Que Se Pode Unir

O mundo está completamente dividido na atualidade. Democratas e comunistas se desprezam e se odeiam mutuamente. Os irlandeses católicos e os irlandeses protestantes se oborrecem e se combatem com zelo digno de melhor causa. Os cristãos maronitas do Líbano odeiam os muçulmanos palestinos que invadiram seu país, e estão nestes momentos dedicados a uma terrível matança. Os guerrilheiros extremistas odeiam a sociedade liberal e manifestam sua cólera com bombas, metralhas, seqüestros e assassinios. Os franceses e os alemães se dedicaram durante muitos séculos a matar-se uns aos outros. Sim, vivemos em meio de uma sociedade terrivelmente dividida. Porém, onde quer que se "levante" a Jesus, se observará um fenômeno similar ao produzido durante o primeiro século de nossa era.

Por exemplo, no Congresso da Igreja Adventista celebrado em julho de 1975, em Viena, Áustria, vimos pessoas de todas as nacionalidades e de todas as raças, unidas, cantando em seus respectivos idiomas os mesmos hinos, assentindo com fervorosos améns às mesmas preces e participando felizes e unidos do mesmo pão da vida. Havia ali pessoas procedentes dos países coletivistas e dos países liberais. Havia irlandeses egressos das fileiras protestantes e das católicas. Havia árabes de origem cristã e de origem muçulmana. Além disso, havia judeus e árabes juntos. Algo mais ainda? Havia franceses e alemães. Todos irmanados pelo amor de Cristo.

O Exemplo do Ímã

Sem dúvida todos os meus queridos leitores sabem que é um ímã e em

*Jesus é o grande ímã.
Um dia nós entramos no
campo magnético de Seu
infinito amor, e ficamos
unidos a Ele.*

mais de uma ocasião brincaram com alguns deles. Quando se aproxima o ímã da agulha inerte que está sobre a mesa, esta de repente começa a mover-se, como se estivesse nervosa. Instantes depois, salta e adere ao ímã. Então ocorre um fenômeno notável: a agulha, imantada, ao ser posta perto de outra agulha, começa a atraí-la também, e assim, se o ímã é suficientemente poderoso, pode-se formar uma verdadeira cadeia de agulhas aderidas umas às outras.

Há uma lição para nós neste fenômeno. Jesus é o grande ímã. Um dia nós entramos no campo magnético de Seu infinito amor, e ficamos unidos a Ele. Mas o Seu magnetismo se transmite a nós, e se verdadeiramente somos do Senhor, nós mesmos irradiaremos um campo magnético de amor e serviço que induzirá outros a acercar-se de nós, o que nos dará a oportunidade de aproximá-los de Jesus.

Por isso é indispensável que cada cristão, na hora presente, "levante" a Jesus por meio de sua vida, do seu caráter, de seus atos e de suas obras, para que todos sejam atraídos a Jesus.

Cedamos à Atração de Jesus

Há uma diferença, no entanto, entre Jesus e o ímã. A atração magnética é irresistível; a atração de Jesus não o é. O homem goza de livre arbítrio e pode decidir não ceder à influência magnética do Salvador. O mundo, a carne, as tentações e o pecado podem exercer também sua poderosa atração e vencê-lo. Isso tem ocorrido muitas vezes. Deus quer que não ocorra conosco!

Cedamos à atração de Jesus. Logo chegará o dia em que virá nas nuvens do céu para acabar com o reino do mal e do pecado e para estabelecer Seu reino de amor. Então, todos os que tenham cedido a Seu poder de atração serão "arrebataados... entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim" estarão "para sempre com o Senhor" (I Tess. 4:17).

Prezado irmão, queres estar preparado para a vinda de Jesus? Permite que o magnetismo de Cristo influa decididamente sobre tua vida, atraindo-te a Ele. Uma vez ocorrido isto, "levanta-O" diante do mundo, a fim de que te transformes num instrumento para atrair a outros. E quando o grande ímã universal que é Jesus estabelecer aqui o Seu reino, todos estaremos reunidos em torno dEle. Que assim seja! Amém! ■

A Teologia da Ordenação

Ellen G. White cita Atos 13:1-3 como um relato da ordenação formal de Paulo e Barnabé para o ministério evangélico. "Abundantemente havia Deus abençoado os labores de Paulo e Barnabé durante o ano que ficaram com os crentes em Antioquia (ver Atos 11:22-30). Mas nenhum deles havia sido formalmente ordenado para o ministério evangélico. Haviam chegado agora em sua experiência cristã a um ponto em que Deus estava para confiar-lhes a execução de difícil tarefa missionária, na prossecução da qual necessitavam de toda a vantagem que pudesse ser obtida através da igreja". — *Atos dos Apóstolos*, p. 160.

Atos 13:2 indica que a instrução do Espírito Santo à igreja de Antioquia para ordenarem Paulo e Barnabé, provavelmente por intermédio de um dos profetas, veio no meio de um específico culto público acompanhado de jejum, ou em algum momento no decurso de seu ministério entrecortado de jejuns. Notai a identificação dos que ordenam e dos que devem ordenar:

1. "Deus . . . instruiu a igreja, mediante revelação, a separá-los publicamente para a obra do ministério". — *Atos dos Apóstolos*, p. 161.

"Deus Se comunicou com os devotos profetas e mestres da igreja de Antioquia". — *História da Redenção*, p. 303.

2. Na página 101 de *Primeiros Escritos*, Ellen G. White fala dos que devem ordenar homens ao ministério:

T. H. BLINCOE

"Irmãos de experiência e de mentes saudáveis devem congregar-se, e seguindo a Palavra de Deus e a sanção do Espírito Santo, devem, com fervente oração, impor as mãos sobre aqueles que tenham . . ."

Em *Testimonies*, vol. 1, p. 209, ela escreveu: "Vi que Deus colocou sobre Seus ministros escolhidos o dever de decidir quem estava preparado para a sagrada obra; e em união com a igreja e os claros indícios do Espírito Santo, deviam decidir quem deveria ir e quem não estava em condições de ir".

Atos 13:3 menciona jejum, oração, imposição de mãos e envio oficial, o que envolve bênção e plena autorização da igreja. Em *Atos dos Apóstolos*, páginas 161 e 162, é acrescentado: "Antes de serem enviados como missionários ao mundo pagão, esses apóstolos foram solenemente consagrados a Deus com jejum e oração e a imposição das mãos. . . E quando os ministros da igreja de crentes de Antioquia (ver Atos 13:1) puseram as mãos sobre Paulo e Barnabé, pediam, por esse gesto, que Deus concedesse Sua bênção aos escolhidos apóstolos".

Além disso, convém notar que nas "circunstâncias ligadas à separação de Paulo e Barnabé pelo Espírito Santo, para um definido ramo de serviço", Ellen G. White vê clara evidência de que "Deus opera mediante designados

instrumentos em Sua igreja organizada”
(*Idem*, p. 162).

A Origem da Ordenação

S. Marcos 3:14 indica o primeiro passo na organização da igreja cristã. “Quando Cristo concluiu as instruções aos discípulos, reuniu em torno de Si o pequeno grupo, bem achegados a Ele, e, ajoelhando no meio deles e pondo-lhes as mãos sobre a cabeça, fez uma oração consagrando-os à Sua sagrada obra. Assim foram os discípulos do Senhor ordenados para o ministério evangélico”. — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 217. “Foi na ordenação dos doze que foram dados os primeiros passos na organização da igreja, que depois da partida de Cristo devia levar avante Sua obra na Terra”. — *Atos dos Apóstolos*, p. 18.

Em *Atos dos Apóstolos*, página 162, Ellen G. White remonta a forma da imposição das mãos aos antecedentes do Velho Testamento de um pai judeu abençoando seus filhos, pondo-lhes reverentemente as mãos sobre a cabeça, e daquele que se achava revestido de autoridade sacerdotal colocando a mão sobre a cabeça de um animal dedicado ao sacrifício. Ela vê nesses atos de concessão da bênção e de pôr de lado ou dedicar para um propósito específico uma analogia do que ocorre na ordenação. Em *Atos dos Apóstolos*, página 94, Ellen G. White menciona a ordenação dos setenta anciãos escolhidos por Moisés para partilharem com ele as responsabilidades da liderança.

Que é Conferido na Ordenação?

“Plena autoridade eclesiástica” é conferida na ordenação, de acordo com *Atos dos Apóstolos*, páginas 161 e 162. Lemos aí também o seguinte: “Sua ordenação era um reconhecimento público de sua divina designação para levar aos gentios as boas-novas do evangelho. Tanto Paulo como Barnabé já haviam recebido sua comissão do próprio Deus, e a cerimônia da imposição das mãos não ajuntou à mesma nenhuma graça ou virtual qualificação. Era uma forma reconhecida de designação para um cargo específico, bem como da autoridade da pessoa no mesmo. Por ela o selo da igreja era colocado sobre a obra de Deus”. A ordenação era, portanto, um reconhecimento de uma prévia designação divina, e não acrescentava “nenhuma graça ou virtual qualificação”.



“Quando os ministros da igreja de crentes de Antioquia puseram as mãos sobre Paulo e Barnabé, pediam, por esse gesto, que Deus concedesse Sua *bênção* aos escolhidos apóstolos, em sua *consagração* à obra específica a que haviam sido designados”. — *Idem*, p. 162. (Grifo acrescentado.)

A Sra. White prossegue então, nessa mesma página, mencionando e condenando a insustentável importância atribuída à ordenação em época posterior, “como se sobreviesse de vez um poder aos que recebiam essa ordenação, poder que os habilitasse imediatamente para toda e qualquer obra ministerial. Mas, na separação desses dois apóstolos, não há registo a indicar que qualquer virtude fosse comunicada pelo simples ato da imposição das mãos”.

Primeiros Escritos, página 101, esclarece que pela ordenação os homens estão sendo “separados para se devotarem inteiramente” à obra de Deus. “Este ato mostraria a sanção da igreja a sua saída como mensageiros para levarem a mais solene mensagem já dada aos homens”.

O Que a Ordenação Autoriza os Homens a Fazer

O livro *Atos dos Apóstolos*, na página 161, menciona três coisas que os ordenados são autorizados a fazer:

1. Ensinar a verdade.
2. Realizar o rito do batismo.
3. Organizar igrejas.

(Estas três coisas precedem as palavras: “Achando-se investidos de plena autoridade eclesiástica”.)

Primeiros Escritos, páginas 101-104, acrescentam:

4. Administrar as ordenanças da casa do Senhor.
5. Garantir a paz, a harmonia e união da igreja, evitando que ela seja enganada e importunada por falsos mestres.

Quem Deve Ser Ordenado?

1. *Médicos-missionários cujo trabalho, em grande parte, é espiritual.*

“A obra do verdadeiro missionário-médico é em grande parte uma obra espiritual. Inclui a oração e o impor das mãos; portanto ele deve ser separado para sua obra de maneira tão sa-



grada como o ministro do evangelho. Os que são escolhidos para desempenhar a parte de médicos-missionários, devem ser separados como tais. Isto os fortalecerá contra a tentação de retirarem-se da obra do sanatório para se dedicarem à clínica particular. Não se deve permitir que nenhum motivo egoísta afaste o obreiro de seu posto de dever". — *Evangelismo*, p. 546.

2. *Diaconos* — habilitados para instruir na verdade, mas principalmente para efetuarem os negócios da igreja.

"Os sete homens escolhidos foram solenemente apartados para seus deveres, pela oração e pela imposição das mãos. Aqueles que foram assim ordenados, não estavam, entretanto, excluídos de ensinar a fé. Pelo contrário, é lembrado que 'Estevão, cheio de graça e poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo'. Eles estavam plenamente qualificados para instruir na verdade. Eram também homens de juízo calmo e discrição, bem capacitados para tratar de casos difíceis de julgamento, murmuração ou inveja.

"A escolha de homens para efetuarem os negócios da igreja, de modo que os apóstolos pudessem ficar livres para seu trabalho especial de ensinar

Pela ordenação há uma separação para se devotarem inteiramente à obra de Deus.

a verdade, foi grandemente abençoada por Deus. A igreja crescia em número e em poder. 'Crescia a Palavra de Deus e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé'. É necessário que a mesma ordem e sistema sejam mantidos na igreja agora como nos dias apostólicos. A prosperidade da causa depende grandemente de serem seus vários departamentos conduzidos por homens hábeis, qualificados para suas posições". — *História da Redenção*, pp. 260 e 261.

3. *Outra ordem* — aqueles a quem Deus chamou para ministrar em palavra e doutrina.

"Os que são escolhidos por Deus para serem líderes em Sua causa, tendo a supervisão geral dos interesses espirituais da igreja, devem ser aliviados, tanto quanto possível, de cuidados e perplexidades de natureza temporal. Aqueles a quem Deus chamou para ministrar em palavra e doutrina devem ter tempo para meditação, oração e estudo das Escrituras. Seu claro discernimento espiritual é diminuído ao entrarem em mínimos detalhes de negócios e no trato com os vários temperamentos das pessoas que se reúnem em qualidade de igreja. É próprio que todos os assuntos de natureza temporal se apresentem perante os oficiais qualificados e sejam por eles ajustados. Mas se são de caráter tão difícil que frustre sua sabedoria, devem ser levados ao conselho daqueles que têm a supervisão de toda a igreja". — *Idem*, p. 261. (Comparar com *Atos dos Apóstolos*, p. 89.)

4. *Anciãos* em cada igreja. *Atos* 14:23.

Qualificações Para a Ordenação

Atos 11:22-24 e 26, e 13:1-3, mencionam estas qualificações:

1. Chamado pela igreja.
 2. Alguém que compreende, experimenta e prega o evangelho da graça de Deus.
 3. Um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé.
 4. Alguém ao qual Deus concede frutos por seus labores.
- Em *Primeiros Escritos*, páginas 100-102, são acrescentadas mais algumas:
5. Homens que tenham dado boa demonstração de que são capazes de governar bem a sua própria casa e preservar a ordem em sua própria família.



6. Homens que tenham dado boa demonstração de que podem esclarecer os que estão em trevas.

7. Homens que tenham dado plena prova de que receberam sua comissão da parte de Deus.

8. Homens santos. "Deus não confiará o cuidado do Seu precioso rebanho a homens cuja mente e discernimento tenham sido enfraquecidos por erros anteriores que acariciavam, tais como os assim chamados perfeccionismo e espiritismo, e que, por sua conduta quando nesses erros, infelicitaram-se a si mesmos e levaram opróbrico sobre a causa da verdade. Embora sintam-se agora livres de erro e capacitados para ir ensinar esta última mensagem, Deus não os aceitará. Ele não confiará almas preciosas aos seus cuidados; pois o seu juízo ficou pervertido enquanto estiveram no erro, e está agora debilitado. . . . A santa lei anunciada por Deus do Sinai é parte de Si próprio, e somente homens santos que sejam seus estritos observadores honrá-Lo-ão ensinando-a a outros".

9. A aprovação do Espírito Santo. Depois de os homens que iniciaram a sagrada obra de ensinar a verdade bíblica ao mundo terem sido cuidadosamente examinados por pessoas fiéis e experientes**, e possuírem alguma experiência, "devem ser apresentados ao Senhor em fervorosa oração, a fim de que Ele indique, por Seu Santo Espírito, se são aceitos aos Seus olhos. Diz o apóstolo: 'A ninguém imponhas precipitadamente as mãos'. I Tim. 5:22. Nos dias dos apóstolos, os ministros de Deus não ousavam confiar em seu próprio juízo quanto à escolha ou aceitação de homens para tomar a solene e sagrada posição de porta-voz de Deus. Eles escolhiam os homens segundo o seu juízo, e depois os punham perante o Senhor, a ver se Ele os aceitaria como representantes Seus. Nada menos do que isso se deve fazer agora" (*Obreiros Evangélicos*, p. 438).

Testimonies, volume 4, página 607, acrescenta três outras qualificações:

10. Domínio-próprio.

11. Boa influência.

12. Homens de "boa reputação, capazes de dirigir com prudência o interesse por eles despertado".

13. Homens que "ousem reprovar o pecado num espírito de mansidão" (*Testimonies*, vol. 1, p. 209).

14. Devem ver "o infinito sacrifício feito pelo Filho de Deus para salvar homens caídos, e sua própria alma deve

Deus não confiará o cuidado do Seu precioso rebanho a homens cuja mente e discernimento tenham sido enfraquecidos por erros anteriores que acariciavam.

estar imbuída de perene amor" (*Testimonies*, vol. 4, p. 442). Comparar com o que está escrito em *O Desejado de Todas as Nações*, p. 605: Devem ter o amor de Jesus no coração.

15. Cumpre-lhes ensinar as pessoas a buscar e salvar os perdidos. Devem ser "educadores da igreja na obra evangélica" (*O Desejado*, p. 614).

Notai como Paulo examinou a Timóteo (*Obreiros Evangélicos*, p. 439).

16. Homens que como Timóteo procuram o conselho e a instrução de bem sucedidos ministros mais idosos, e que não agem "por impulso, mas consideradamente e com calma reflexão, indagando a cada passo: É este o caminho do Senhor?" (*Obreiros Evangélicos*, p. 440).

17. Homens que estejam dispostos a receber sua recompensa, não em dinheiro, mas em almas (MS 74, 1903).

18. "Homem algum deve ser separado como mestre do povo enquanto seu ensino ou exemplo contradiz o testemunho que Deus deu a Seus servos para apresentar relativamente ao regime, pois isto trará confusão. Sua desconsideração da reforma pró-saúde desqualifica-o para estar como mensageiro do Senhor". — *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pp. 453 e 454.

* Estudo apresentado na Reunião Consultiva da Associação Ministerial — outubro de 1976.

** A Sra. White escreveu muita coisa sobre a espécie de exame mencionado no item nº 9. Notai as seguintes declarações:

"Os ministros devem ser examinados especialmente a ver se possuem uma clara compreensão da verdade para este tempo, de modo a poderem apresentar um bem concatenado discurso sobre as profecias ou sobre assuntos práticos". — *Obreiros Evangélicos*, p. 439.

"São postas as mãos sobre homens a fim de ordená-los para o ministério antes de serem meticulosamente examinados acerca de suas qualificações para essa sagrada obra; mas quão melhor seria fazer um trabalho esmerado antes de aceitá-los como ministros!" — *Testimonies*, vol. 4, p. 407.

Ellen G. White tinha em mente as qualificações do caráter. Lemos ainda mais sobre o exame dos candidatos ao ministério: "Aqueles sobre quem repousa essa responsabilidade, devem-se informar de sua história desde a época em que professou crer na verdade. Sua experiência cristã e seu conhecimento das Escrituras, a maneira por que observa a verdade presente, tudo deve ser compreendido. Ninguém deve ser aceito como obreiro na causa de Deus, enquanto não tornar manifesto que possui uma experiência real e viva nas coisas de Deus". — *Obreiros Evangélicos*, p. 438.

Como Estudar a Bíblia

Apelos fortes têm criado em muitos membros o desejo de redobrar os esforços quanto ao estudo da Bíblia, mas, com frequência, o desconhecimento da correta maneira tem reduzido o proveito desses esforços.

Primeiro uma sugestão. Fala-se muito, hoje em dia, de "grupo"; e esse fato não era desconhecido aos olhos de Deus, que de início fez o mais perfeito grupo, a família. Mesmo que outros grupos religiosos tomem a honra, não é possível negar a ênfase que a Igreja Adventista deu à devoção familiar bem antes de qualquer aceitação por parte de outros. A família unida aos pés de Deus, aqui na Terra, não se separará na eternidade.

De manhã bem cedo, antes que os menores acordem, os adultos devem, após a higiene pessoal, fazer uma oração, pedindo a orientação do Espírito Santo, e abrir a Palavra de Deus, com todas as possíveis e mais lógicas interrogações na mente: Quem? Quê? Por quê? Onde? Para quem? De quem? Etc.

Essas questões, cuidadosamente respondidas pelo texto da Bíblia, darão ao cristão um punhado de informações, suficiente para alimentar sua alma com os princípios que estão em Deus. As orientações buscadas na fonte são, com segurança, mais puras e profundas.

O pensamento fundamental é ENCONTRAR A CRISTO. Porque, se algum estudo da Bíblia resultou em mui belas conclusões, que não revelam mais do caráter de Cristo, nada valerá. Se não se encontrar a Cristo, não se encontrou nada.

JOSÉ MONTEIRO



José Monteiro, Professor
no Educandário
Nordestino Adventista

Assentados lado a lado, o casal decide qual a porção da Palavra de Deus que desejam, unidos, examinar.

Uma vez escolhido o livro, é bom verificar na parte histórica deste trabalho, alguns dados que ajudam a compreender as condições nas quais foi o livro escrito.

Na própria Bíblia, ao estudar, deve-se buscar saber quem escreveu, quando, para quem, o porquê, o lugar de Cristo na mensagem transmitida; o valor da mensagem para a igreja de Cristo, hoje; o valor da mensagem para o indivíduo, hoje, na vida prática. Tudo isto está na mensagem e pode ser extraído se for dado o devido interesse e cuidado ao estudo.

Um Exemplo Prático

Diga-se que "Tiago" foi o livro escolhido. A leitura do primeiro verso traria à luz muitas interrogações necessárias: "Tiago, servo de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, às doze tribos que andam dispersas, saúde". Verso 1.

O autor é dito ter sido Tiago, mas houve mais de um destacado homem do século I com este nome, nos diz a Bíblia. É alguma informação sobre o autor; mas, não é tudo ainda, e com paciência deve-se aguardar no transcorrer da epístola o reconhecimento de dados outros que venham trazer mais luz sobre este ponto.

Chama-se o autor de "servo de Deus". Seria isto uma simples fórmula costumeira usada na igreja cristã, ou uma declaração de inteira submissão à senhoria de Deus?

Entre os que estão estudando, é bem possível que as idéias sejam diferentes e, enquanto não há luz suficiente, é de bom proceder buscar guardar em mente os pontos apresentados, deixando a resolução final para o momento do estudo em que o próprio escritor der a definição.

Parece bem que o apóstolo está fazendo uma confissão de completa submissão, pois ele o faz em referência a duas pessoas da Trindade: O PAI e o FILHO.

E por que ele se refere aos dois? Bem pôde ser porque na divindade não há separação de propósito.

Também é um fato que Cristo Jesus era o elemento de dúvida nos tempos da igreja primitiva, e devia ser sempre ressaltado, e muito mais quando uma mensagem era transmitida para uma comunidade que incluía muitos judeus.

A mensagem é dirigida a quem? Às doze tribos que andam dispersas.

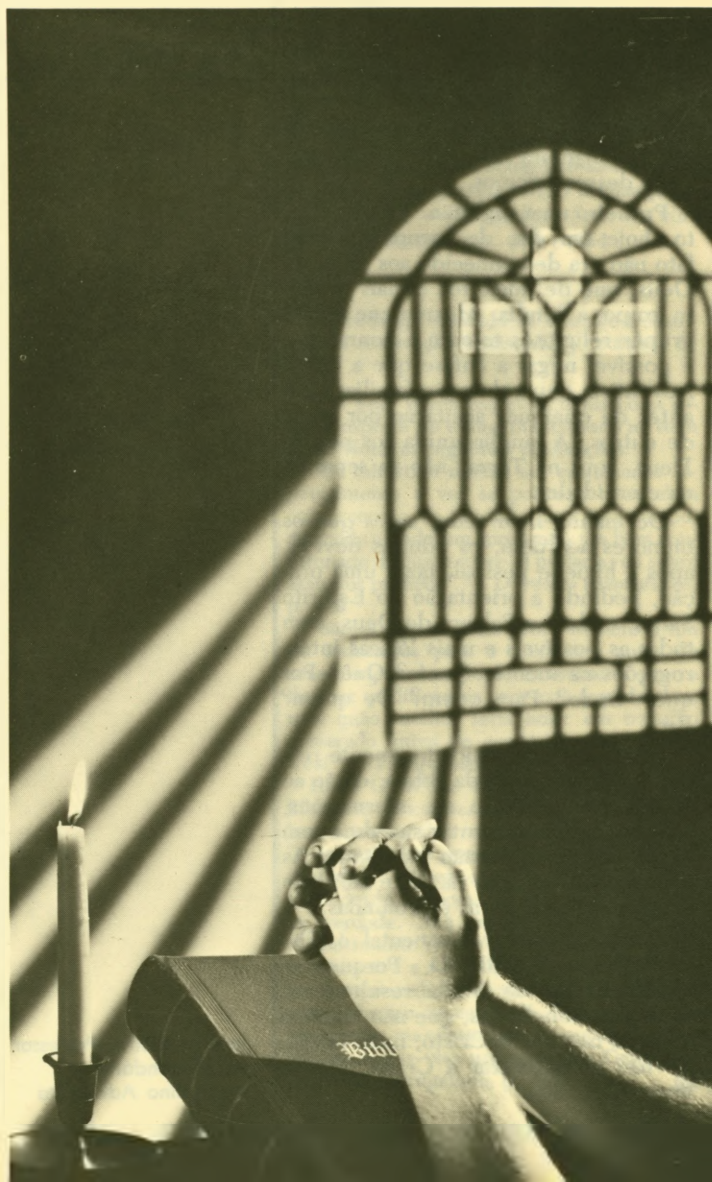
Pelo que até aqui foi dito, pode deduzir-se que são israelitas espalhados em diversas partes. São eles cristãos? Os versos seguintes dirão.

O verso 2 é introduzido com um título que procura demonstrar o assunto que é tratado a seguir. Não é bom fazer uso desses títulos porque eles facilitam um menor esforço na investigação da mensagem.

"Meus irmãos, tende grande gozo quando cairdes em várias tentações". Verso 2.

De início, fica esclarecido que são israelitas cristãos aqueles a quem Tiago se dirige.

O apóstolo enfatiza o gozo do cristão em meio do sofrimento com um termo que intensifica: "grande". Como é este gozo? É um prazer inaudito que inclui o interior e transborda numa



expressão sempre feliz de alma e corpo? Ou seria o gozo da simples compreensão e aceitação da realidade do mundo e de Deus?

Muitas vezes, é bom ler rapidamente os versos seguintes, para uma ligeira visão do todo, voltando apressadamente para o ponto em pauta. A Bíblia deve ser tida como um todo, e há uma razão para acreditar que há uma lógica sabiamente traçada em cada página da Bíblia, e com freqüência se deve perguntar: Que relação tem este ponto com o que anteriormente foi afirmado? Não desprezemos nem a seqüência nem a precisão dos termos usados pelo autor.

Da referência a muitas tentações, imagina-se que a carta foi escrita numa época de perseguições, para consolo e conforto dos cristãos.

É dito que um sentimento de gozo deve acompanhar o cair em tentações, o que indica que o cair em tentação, aqui, não é pecar, mas o enfrentar e suportar varonilmente as tentações.

O verso seguinte fala do objetivo da tentação: provar, testar, a fé, para dela fazer crescer elementos espirituais vitais, como a paciência.

É de inestimável valor usar as referências bíblicas do rodapé e comparar as passagens semelhantes, sem esquecer que as referências não são inspiradas e podem traçar algumas vezes relação errônea entre duas passagens.

Findo o estudo, é bom firmar na mente o papel de Cristo nos versos estudados. No primeiro verso, a menção é explícita; e nos seguintes, Cristo é o gozo da alma, como também o motivo da fé.


De nenhum proveito é qualquer investigação quando as conclusões não guiam o estudioso a conhecer uma melhor maneira de servir a Deus. É próprio identificar no texto a mais necessária lição que deverá ser retida vívidamente no coração, durante aquele dia, e cair de joelhos, pedindo a Deus que facilite a vitória. É de valor insistir que essa lição básica deve ser de significado bem prático, e, se muitas lições podem ser tiradas, entre elas uma deve ser escolhida para tomar a mente durante o dia e ser causa de sua luta com Deus para mais uma vitória espiritual.

Se os problemas que turbam uma pessoa no trabalho que exerce, são suficientes para quebrar-lhe temporariamente a confiança na Onipotência, dos três versos estudados, seria prático pedir ao Espírito Santo que o ajudasse a experimentar o gozo da plena compreensão do cuidado de Deus em meio às provações.

De nenhum proveito é qualquer investigação quando as conclusões não guiam o estudioso a conhecer uma melhor maneira de servir a Deus.

A referência é feita a uma lição somente, mas cada indivíduo que estuda com sinceridade e seriedade a Bíblia, sente que o Espírito Santo vai identificando as mensagens às suas necessidades individuais.

Este processo não substitui uma leitura mais rápida da Bíblia, que ajudará a ter uma visão global. Mas, por um lado, é totalmente indispensável que cada membro desta igreja investigue a Santa Palavra, e cada dia, de cada lar adventista, mais luz, sob as mais diferentes formas, surgirá para preparar a noiva para o encontro com o noivo.

Cada membro sempre estará cheio de novas e lindas formas de apresentar as velhas e básicas mensagens, buscando ansiosamente uma oportunidade para expô-las a quem alcançar. É toda a igreja cada dia conhecendo melhor a Deus e contando ao mundo como Ele é. A pessoa que conta ao vizinho com pressa o que pouco antes ficou sabendo acerca de um outro, é com freqüência chamada fuxiqueira. Rogo aos Céus que esta igreja seja a "fuxiqueira" de Deus na Terra, cada dia sabendo mais de Deus e contando com rapidez aos que estiverem ao seu alcance. 

Agradecimento

Desejamos agradecer, mediante estas linhas, às centenas de pastores da Divisão Sul-Americana que preencheram e nos devolveram tão a tempo o questionário que lhes enviamos em novembro passado sobre educação teológica na América do Sul. (Muito obrigado, também, pelas notas adicionais e pelas saudações pessoais que muitos nos enviaram!) As respostas estão sendo analisadas com a ajuda do computador da Andrews University. Oportunamente esperamos publicar algumas das conclusões mais importantes nas páginas de *O Ministério Adventista*. A inapreciável contribuição de tantos pastores tornará possível que na preparação do plano de estudos do futuro Seminário para a América do Sul sejam claramente levadas em conta as reais necessidades do ministério e da igreja no continente. Novamente MUITO OBRIGADO!

Berrien Springs, Michigão
Dezembro de 1976

Werner Vyhmeister

Notas Breves

“Um Papa Para Todos os Cristãos?”

Sete teólogos protestantes, ortodoxos e católicos romanos, escrevendo num livro publicado pela Paulist Press, em Paramus, Nova Jérсия, Estados Unidos, prefiguram a possibilidade da reunião das igrejas cristãs que reconhecem o papa como seu principal dirigente.

Dos oito teólogos que escreveram sobre o assunto do livro: “Um Papa Para Todos os Cristãos?”, somente um — o Dr. C. Brownlow Hastings, diretor-assistente do Departamento de Testemunho Interdenominacional da Junta Missionária dos Batistas do Sul — disse que sua tradição não podia absolutamente aceitar a reunião com um papa ou qualquer autoridade centralizada.

Esse livro, que se acredita ser o primeiro volume em que representantes de mais de duas denominações cristãs expuseram sua opinião sobre a autoridade papal, foi compilado e organizado por um leigo católico, Pedro J. McCord, ex-seminarista jesuíta que agora reside em Greenville, Carolina do Sul.

Os seis colaboradores não católicos que acreditam que suas igrejas poderiam aceitar o papado numa forma modificada — um papado que dê vigorosa ênfase ao “estado de servo” e ao serviço — são o Rev. José Burgess, do Seminário Teológico Luterano, em Gettysburgo, Pensilvânia; o Rev. J. Ross Mackenzie, um presbiteriano que leciona no Seminário da União Teológica, em Richmond, Virgínia; o Padre João Meyendorff, sacerdote ortodoxo que leciona no Seminário São Vladimiro, Crestwood, Nova Iorque; o Rev. J. Robert Nelson, um metodista que leciona na Faculdade de Teologia da Universidade de Boston; e o Padre J. Robert Wright, sacerdote episcopal que leciona no Seminário Teológico Geral, Nova Iorque.

O colaborador católico nesse livro é o Padre Avery Dulles, da Universidade Católica da América, Washington, D.C.

O Dr. Roberto McAfee Brown, um presbiteriano que leciona Teologia na Universidade Stanford, Palo Alto, Califórnia, escreveu a introdução. — *The Ministry*, dezembro de 1976.

“A Árvore das Preocupações”

Um negociante muito sábio possui o que ele chama de “Árvore das Preocupações”. Está situada a um quarteirão de sua casa, e todos os dias, ao anoitecer, ele tem de passar perto dela ao dirigir-se para seu lar.

— Ao anoitecer, quando chego a esse alto choupo — diz ele — deixo ali todos os aborrecimentos e preocupações do dia. Que eles fiquem pendurados nos ramos! Chega de incomodar-me com eles! E endireito as costas, esboço um sorriso e preparo-me para um agradável serão com minha família. Eu costumava levar minhas preocupações para casa e partilhá-las com minha esposa. Amiúde elas permaneciam então comigo a noite toda, e na manhã seguinte eu me levantava muito mal-humorado.

E acrescenta:

— Mas agora isso não acontece mais! Penduro as preocupações naquela árvore, e cinco noites dentre cada seis, elas se desvaneceram ao amanhecer. (*Quote Magazine*.)

“Para Mostrar de que Lado Estou”

Um senhor idoso, de pequena estatura, dirigia-se todo domingo de manhã à igreja de sua escolha. Ele era surdo, e não podia ouvir uma só palavra do sermão, nem a música do coro, nem os hinos cantados pela congregação.

Perguntou-lhe um motejador:

— Por que passa os domingos naquela igreja, se não consegue ouvir uma só palavra?

Ele respondeu:

— Quero que meus vizinhos saibam de que lado estou.

(Glória Pitzer, *Quote*, em *The Ministry*, outubro de 1976.)